

Viagens de um florentino a Portugal e à India

(SÉCULO XVI)

Entre os estrangeiros que, visitando Portugal nesta época, nos conservaram suas impressões, é dos menos conhecidos Filipe Sassetti, negociante, humanista, escritor, e nas horas vagas curioso da arte náutica. Não figura o seu nome na colectânea de Bernardes Branco, *Portugal e os estrangeiros*, e Peragallo dá d'ele uma notícia deficiente (1). Sabemos que nasceu em Florença em 1540; morreu em Goa em 1588. Começou a vida prática no comércio, que já adulto abandonou, para seguir os estudos literários na universidade de Pisa. Em 1570, aos trinta anos, encontramos-lo em pleno labor escolar. Mais tarde faz-se ouvir nas discussões e leituras da Academia Florentina. Em 1577 fala do tempo em que foi mercador como de coisa remota no passado, e em que lhe faltou ventura. Nessa época, a pedido de certo magnate, escreve um discurso sôbre o tráfico entre a Toscana e os portos de Levante, no qual se demonstra comerciante hábil, sem embargo de haver deixado desde tanto a profissão, e sagaz observador. Talvez êsse trabalho, avivando-lhe sentimentos e ambições do passado, o reconciliasse com a carreira em que estrear a fortuna.

Isto foi no mês de Setembro. Em Abril do ano seguinte viaja por Espanha: vai a Sevilha e a Lisboa, os dois empórios do comércio de am-

(1) Cenni in torno alla colonia italiana in Portogallo nei secoli XIV, XV e XVI.

bas as Índias. Daí por diante achá-lo-emos interessado sómente em navegações, compras e vendas, exportações e importações, mercadorias, preços e câmbios, guardando todavia aquele verniz de cultura, que a cada passo trai no homem de negócios o letrado. Dante, Petrarca e Boccaccio, e os antigos, Vergílio e outros, iluminam trechos das missivas em alusões e citados frequentes. De 1578 a 1582, salvo curtas ausências em Madrid e Sevilha, aonde serviços comerciais o conduzem, sua residência é Lisboa. Em Abril dêste último ano embarca para a Índia, mas a nau arriba ao Tejo, depois de ter passado no mar cinco meses. O contratempo não desanima o viajante, que no ano seguinte repete a tentativa, e mais feliz então chega ao lugar do destino. Nesta cidade e em Goa demora alternativamente, segundo as occupações do negócio ihe pediam. Os meses do inverno da Índia passava-os em Goa, centro principal do tráfico português no Oriente; daí vinha a Cochim assistir à carga das naus, que voltavam à Europa. Foi durante uma das periódicas estadias na côrte dos vice-reis que a morte o buscou.

* * *

De Espanha, de Portugal e da India, Filipe Sassetti escrevia a seus amigos e conhecidos de Itália: parentes próximos; camaradas da infância; homens de negócio, como êle era agora, e assíduos da Academia, como tinha sido; até ao Grão Duque Francisco I de Medicis, e ao Cardial irmão dêste, e ao diante sucessor. Deixando a pátria conservara relações em todos os planos da sociedade. As cartas, publicadas pela primeira vez no século XVIII em uma colecção de prosadores florentinos, depois em 1855, em 1873, e em 1880 em edição popular (1), dão curiosas notícias de suas viagens, dos lugares que percorreu, e das condições de vida das populações entre as quais se encontrou.

De Espanha, por onde fez caminho a Lisboa, vindo de Itália, e que visitou algumas vezes, mais escassa informação proporciona, ou porque se tenha perdido a correspondência, ou por não lhe despertar interesse a terra. Certo é que dela e dos habitantes fala em tom depreciativo. A

(1) Biblioteca Classica Economica. Editor Edoardo Sonzogno, Milão.

primeira vez que escreve afirma não haver nada bom lá senão o vinho e as mulheres. De tudo tão desdenhoso que, por desvio malévolo da pena, datava de *Merdid* a carta, em escárnio da capital pretenciosa (1).

Lisboa, pelo contrário, inspira-lhe apaixonada admiração. «Sítio o mais belo da Europa, depois de Constantinopla, e onde parece quis a natureza mostrar de quanto é capaz (2). Clima não o pode haver melhor, pois que, no coração do inverno, se colhem frutos, que em outras partes costumam ser o deleite do verão. As roseiras, laranjeiras e mais plantas odoríferas florescem em todas as épocas. Em todas elas também, amena temperatura. Nem no estio, ainda que o peça a estação, se experimenta calor demasiado, porque, ao encher a maré, uma aragem do oceano refresca os ares (3).

Mas o principal encanto da cidade está na situação. Posta sôbre colinas, uma parte das casas, e a maior, fica nos pontos elevados, de onde se enxerga o rio coalhado de embarcações, e de alguns deles o mar distante. «Nada mais aprazível — diz — que chegar à janela, e poder contemplar de ali tantas daquelas coisas tão novas que o nosso Petrarca imaginou» (4).

A gente não lhe merece iguais louvores; e pôsto que no comentário transparece às vezes a natural arrogância do estrangeiro, contente de si próprio e ao mesmo tempo um tantinho invejoso, nem sempre se lhe pode taxar de injusta a crítica.

Limitando o panorama majestoso da cidade, o que em uma e outra banda se divisa são campos estéreis. Defeito da terra? Não.—«Culpa dos

(1) Carta a João Baptista Strozzi, 22 de Abril de 1578.

(2) A Baccio Valori, 10 de Janeiro de 1580.

(3) A Francisco Bonciani, 17 de Fevereiro de 1579.

(4) Na canção:

Standomi un giorno, solo, alla finestra
Onde cose vedefa tante e si nove
Ch'era sol di mirar quasi gia stanco,

Indi per alto mar vidi una nave
Con le sarte di seta e d'or la vela,
Tutta d'avorio e d'ebano contesta,
E'l mar tranquilo, e l'aura era soave,
E'l ciel qual è se nulla nube il vela,
Ella carca di ricca merce onesta.

lavradores, os quais, com pouco saber, são juntamente tão soberbos que não ha meio de lhes fazer ver o que, para conveniência sua, deviam praticar» (1). Esta pecha de presunção, que muitos lançam aos portugueses, Sassetti a tem por geral. Dividindo a população em escravos, cristãos novos e cristãos velhos, diz dêstes últimos, que eram na realidade os lídimos filhos do paiz: «São gente que pouco sabe, e soberba em demasia; tão cabeçudos que ninguem os demove de opinião que tenham formado». E logo continua: «Tudo sabem, tudo fazem, dêles tudo depende; não ha terra no mundo como a sua». Loquazes e vãos por natureza, quando falam não deixam mais ninguem abrir a bôca. Tres quartos das palavras consistem em *Vossa mercê* e juras: *pelos Santos Evangelhos! por êste rosto! por estas barbas!* que a cada momento proferem, com gestos adequados. *Voto a Deus que o mais fraco português vale por doze castelhanos!* ouvia êle, quando, agonizante o rei Cardial, discursavam de Filipe II se apossar da coroa pelas armas. Gabarolice de que era bem depressa expiada a vaidade: *Cedo, muito cedo* — diziam depois os mesmos—*vamos ter em Portugal os castelhanos!*

Até aqui a sátira, com mais ou menos exagêro nos fundamentos. Não, porém, quando escreve: «Podia dar pão a terra para a gente infinita que aqui mora, e até para o dôbro, embora tanto comessem que rebentassem; mas o que não querem é trabalhar» (2). Também para quê? observa não sem alguma ironia. Para quê fadigas, em revolver a terra, se tudo quanto é preciso vem de fora pelo mar? Dos portos mais distantes dêside a Polonia, dos mares gelados, de centos e milhares de léguas longe, trazem os navios centeio e trigo, e o queijo, a manteiga, os peixes e carnes salgadas; de Flandres e da Bretanha os ovos e as galinhas; e—acrescenta ainda—o próprio galo e os capões. Tão exacta é na primeira parte a enumeração, quanto excessiva no final, onde não falta o intuito malicioso, e de algum caso fortuito ou anedota se pretendeu fazer regra.

A população montava a 250 mil almas, de que os escravos seriam a quinta parte (3).

(1) A Francisco Bonciani, 19 de Fevereiro de 1579.

(2) Idem.

(3) Um terço de duzentos mil, segundo o embaixador de Veneza. Mateus Zane, que neste número computava a população. Cf. a Relação no apêndice à obra de Ranke: *Die Osmanem und die spanische Monarchie im 16. und 17. Jahrhundert.*

Dos cristãos novos refere que são gente pouco melhor que infame, maus, pérfidos, sem fé nem honra, nem coisa que boa seja senão um entendimento subtilissimo. Quem tratar com êles se não sair logrado possui capacidade para se lhe confiarem os maiores negócios (1).

Não podia deixar de impressionar, a quem vinha de outras partes da Europa, o número e a condição dos escravos. Lisboa naquele tempo devia ter a aparência de uma cidade colonial, ou dêsses portos levantinos onde convergem várias raças do globo. Vinte e cinco anos antes de vir a Portugal o autor das cartas, um contemporâneo, amante da estatística, computava em quatrocentos os escravos, que anualmente desembarcavam (2). De sessenta a setenta mercadores exerciam êste comércio especial, e nêle intervinham doze corretores, que o eram conjuntamente de cavalos. Mil e quinhentas negras lavavam roupa; mil percorriam as ruas, de canastra à cabeça, fazendo as limpezas; mil, chamadas as negras do pote, acarretavam água por dinheiro; quatrocentas andavam a vender mariscos, arroz cozido e guloseimas; duzentos pretinhos com ceiras faziam recados. Juntam-se os trabalhadores empregados nas cargas e descargas de navios, na Alfândega e Casa da Índia; os dos officios; e a infinidade dos escravos de serviço doméstico, pois rara seria a casa de certa abastança que não tivesse os seus. Toda essa gente mosqueava a via pública de suas peles escuras e de seus andrajos.

Mas não eram somente negros de Africa. Sasseti nomeia-nos as diferentes raças, descreve-nos as suas qualidades e faz os seus retratos. De toda a parte, fora da cristandade, aonde iam negociantes portugueses, afluíam cativos a Lisboa: de Africa, da Índia e de mais longe; mouros brancos e negros; idólatras africanos, gentios de Asia, jaus, e tambem chinas e japões. Certamente alguns do Brasil, pôsto diga o informador que dêsses não vinham, por se evadirem pelo suicídio ao cativo. A verdade é que, apenados para o serviço local dos colonos, poucos so-briariam para a exportação.

Sem embargo desta corrente de trabalhadores exóticos, de que

(1) A Baccio Valori, 10 de Outubro de 1578. O texto original é mais pitoresco: «Chi ha a trattare con esse loro, e non vi lascia del suo, è uomo che si può mandare per tutto, e dargli come si dice la briglia sul collo.

(2) João Brandão, *Tratado da majestade, grandeza e abastança da cidade de Lisboa*, Ms. da Bibl. Nac., publicado por Gomes de Brito.

parte se derramava pelos campos, substituindo os lavradores, ausentes em peregrinações pelo mundo vasto, ou sepultados no oceano e em cantos ignotos da terra, de certo pelo efeito da troca de aptidões mal compensada o país era estéril, a produção mínima, e de fora tinha de vir o essencial para a manutenção da gente (1).

Mas nem só da mercadoria humana chegavam abarrotadas as naus. Sasseti maravilhado faz o rol do recheio magnifico: das ilhas de Africa as peles, os algodões; o ouro da Mina, que neste ano de 1578 montou a duzentos mil cruzados; de Moçambique o marfim, e o açúcar do Brasil; da India e das Molucas a pimenta, a canela, a noz muscada, o gengibre; e mais as pedrarias, as pedras preciosas e os tecidos de algodão tenuíssimos. Com isso as mil curiosidades, que ao gosto artístico e ao amor do luxo proporcionava uma civilização diferente. «Não tem conta—diz êle—as madrepérolas e outras fantasias do mar, todas elas de alto preço». No rol das coisas miudas, de estimação, o almiscar; o ambar, «que querem venha do fundo do mar, e seja uma espécie de terra, como o betume ou o vermelhão». Também o anil, a laca para tintas «que dizem ser excremento de certas formigas», e a outra «em canudos e dura, que serve para selar». E ainda os leitos ou *catres*, «alguns marchetados de ouro, em formosíssimos desenhos»; e as porcelanas; de que tinham vindo naquele ano crê que duzentas bacias, número, de que pela menção se mostra a exorbitância para a epoca. «E não restam dellas mais que o refugo»—acrescentava, significando o seu pasmo.

Do Brasil, onde se encontra Filipe Cavalcanti, seu compatriota e conhecido, e fundador de uma dinastia, de que são os representantes ainda em grande numero (2), conta as maravilhas. A principiar a suntuosidade

(1) «Por falta da gente portuguesa se servem os mais dos lavradores de escravos da Guiné e mulatos». (Manuel Severim de Faria, *Noticias de Portugal*). «Li naturali del paese si sdegnano d'avere a servire altri particolari, ma amano più tosto d'attendere alla vita marinaresca, o alla soldatesca, e per una e per l'altra non vi mancano occasioni per le tante navi che capitano in tutti li porti di Portogallo, per el presidio delle fortezze d'Affrica, e per 800 o mille soldati che si mandano ogni anno in India, in supplimento di quei che mancano, laonde è proverbio in Portogallo che l'Indie sia sepoltura de Portughesi». (Relatorio do embaixador veneziano mencionado).

(2) Pelo casamento de Filipe Cavalcanti com uma filha de Jerónimo de Albuquerque, sendo a mãe índia e o avô chefe da tribo dos Tabajaras, conhecido por Arco-verde.

da vida do florentino, prófugo em Portugal, por desafecto aos Medicis, subitamente alçado à opulência. «E' homem de grande autoridade e que se impõe a todos, até ao mesmo Governador. Dizem tem grande estado, com muitos pagens e cavalos, e gasta na casa por ano mais de cinco mil escudos. Seu negócio é de engenhos de açúcar». Terra notável pelos monstros estupendos e estranhas alimárias. De lá trouxera certo piloto, naquele ano, a pele de uma serpente, sôbre que tinha trepado supondo ser uma rocha; media 34 a 35 pés de comprido e quatro de largura no dorso; devorava uma pantera, e o teria devorado a ele, se não lhe acudissem. Outra maravilha era tambem a pele de outro animal da grandeza da lontra, e coberto de escamas durissimas; cabeça de tartaruga, pernas de crocodilo; as escamas do costado encolhem umas nas outras, como nas armaduras a parte de cima das manoplas e coxotes; a cauda é de matéria igual, e se lhe vêem os nós, até acabar em ponta finissima. Descrição perfeita do tatú (1), quadrúpede singular para os estranhos à terra, vulgaríssimo nela. Mais extraordinário ainda o animal, que o piloto dizia ter visto empalhado, e que pelos sinais lembrava o monstro Scila: de cão a cabeça e pescoço; ambas as mãos e os braços de homem; peito e ventre de peixe, pés de pássaro. Desta arte, enxertada no real, a fantasia animava as narrativas, e tornava mais atraente o mistério das terras longinquas.

Não foi este todavia o que, na alma de Filipe Sassetti, acordou o impulso a novas aventuras. Ele era florentino, e nessa qualidade negociante por indole. Até ai fôra-lhe pouco propícia a fortuna, e a de Filipe Cavalcanti podia mostrar-lhe como terra de promessa o Brasil. Mas a sua cultura humanista, o ambiente de arte e suntuosidade na côrte dos Medicis, conduziam-no a preferir de entre as atracções aquellas de que nem só a natureza fazia o maravilhoso, e em que à novidade das terras e das gentes se associava a magnificência de civilizações estranhas. De mais, que valiam as modestas riquezas do Brasil, o açúcar e o pau de tintura, ao lado dos tesouros sem fim que o Oriente produzia? O anhelô da fácil opulência, que pairava no ar português, e que, duas gerações havia, despejava o povo das mais remotas aldeias para as naus da carreira, apossou-se tambem dêle. Primeiramente a sedução era a da novi-

(1) Mamífero da ordem dos desdentados.

dade e da aventura, sem preferência de objecto. Logo nos primeiros tempos escrevia a um amigo de Florença: «Se me perguntares que faço e que leio responderei: — Não faço nada; sómente folheio algum livro das novidades da Índia, do Brasil e da China, e ao mesmo tempo levanto castelos no ar, pensando ir lá, para vêr e apalpar e escrever.—Resolve-se por fim pela Índia, e à timidez dos amigos, que lhe insuflavam o pavor da jornada, respondia não ser ela mais perigosa que a do Mediterrâneo, de Barcelona a Genova. Em outra ocasião replica: «Quando tantos vilões vão à Índia, porque não hei de eu também ir? Serei acaso mais covarde que êles?» (1) Vilão era termo muito do seu agrado, e que não titubeava de aplicar aos portugueses. Sua ânsia de tentar a viagem é tão viva que, quando incerto de se poder transportar ao Oriente, assim exprime o desejo que o anima: «Oxalá tenha efeito o meu propósito, e depressa, pois estimarei mais conhecer e vêr aquelas partes, que estimaria as riquezas de Creso e os tesouros de Crasso» (2). Muito antes de resolvido à aventura, vê-se, pelo modo de seus passatempos, que para ela se prepara: «Vou lendo Plauto e um pouco de historia destas navegações e descobrimentos orientais, e de quando em quando, de dia e de noite, fazendo exercício com o meu astrolábio, para saber as horas» (3). Afinal deparou-se-lhe a oportunidade, passando à Índia como feitor ou caixeiro de um patrício seu, João Baptista Rovellasco, interessado no contrato da pimenta; e, aos 6 de Abril de 1582, partiu na frota, de que era Capitão-mor Antonio de Melo e Castro, e na sua mesma nau, por nome *S. Filipe*.

Não tinha, porém, de realizar-se desta vez ainda o intuito de Sassetti, porque o navio, separado de quatro outros, que compunham a esquadra, voltou ao Tejo, ao cabo de cinco meses no mar. Diogo do Couto refere em poucas palavras e de modo vago o acontecido: «Acharam tempos tão fortuitos que a nau capitânia e o galeão de Malaca, por não poderem passar os Abrolhos, arribaram ao Reino» (4). Filipe Sassetti deixou-

(1) A Francisco Valori, 5 de Fevereiro de 1582.

(2) Ao mesmo, 13 de Novembro de 1581.

(3) A Francisco Bonciani, 10 de Fevereiro de 1579.

(4) Dec. 10.^a, Livr. 3.^o, cap. 8.^o O rol das armadas, no *Livro de toda a Fazenda*, menciona sómente a arribada da nau *S. Filipe*, e dá o navio de Malaca, *S. Francisco*, de volta a Lisboa com os demais que completaram a viagem, a 4 de Setembro de 1583, o que não poderia ser se igualmente arribasse.

nos por miúdo a notícia do caso, devido em parte a imperícia do piloto, mas principalmente ao regimen dos ventos. Até á altura de 4 a 6 graus, reinam o Norte e o Nordeste. Vêm depois as calmas e as trovoadas da Guiné. Daí entra-se na zona chamada dos ventos gerais, que em meados de Maio começam a soprar de Sueste, e por lá continuam até à monção seguinte, em que passam a Nordeste. Ora—explica o viajante—quem sai de Lisboa no tempo próprio encontra os ventos antes de terem chegado a Sueste, e ainda mais ou menos por Levante; com que, metendo proa ao Sul, segue pelo bom caminho, e faz boa e segura navegação. Não assim quem sai tarde, porque já êles lhe surdem de rumos mais baixos, e tem de atravessar obliquamente a Equinocial, arriscando-se a ir parar aos Abrolhos, na costa do Brasil, como desta vez aconteceu (1). Daí para dobrar o cabo da Boa Esperança, o vento era ponteiro, impossível de vencer, e por quatro a seis meses sempre o mesmo, pelo que pareceu mais acertado inverter caminho e voltar ao Reino, como fizeram, antes que os viveres se esgotassem, ou sucumbisse a tripulação às intempéries do clima.

Ventos iguais aos que reinavam então podiam ter conduzido a Pôrto Seguro a armada de Cabral, se a escala não estava em seu propósito. Não nos fala nisso Filipe Sassetti, mas os termos da narrativa mostram que o acidente era previsto e de nenhum modo causou surpresa aos navegantes. Nos roteiros se encontra menção do acidente possível, e da

(1) Para melhor compreensão, parece bem dar o texto original por extenso: «Andandosi innanzi con queste burrasche (da Guiné) si dà in venti continui, i quali per questo, e per essere in tutti ali altri effetti differenti da quelle burrasche, sono da costoro domandati generali; i quali in quei tempi intorno a mezzo maggio tirano dalla banda di Scilocco, e sono pure di quelli che si addomandono *Monzone*; perchè, postisi una volta in quel segno, vi si fermano fino all'altra stagione, nella quale non trapassano al segno opposto a Scilocco, che è Maestro, ma salgono da Scilocco a Greco, e quivi intorno si trattengono fino al tornare dell'altra stagione. Ora chi si parte di quivi di buon'ora gli trova molto tosto, comè in 4 o 5 gradi da questa parte, non essendo ancora calati a Scilocco; ma stando verso Levante, se ne servono alla navigazione buona, volgendo la prua per Mezzogiorno, e si vano al cammino sicuro e buono. Ma chi parte tarde, come facemmo noi, gli trova là giù bassi e non può attraversare la linea equinoziale se non a sghembo, e vassi a dare, come demmo noi, in certe secche la quali sono nella costa del Verzino in 17 gradi e mezzo dalla banda di Mezzogiorno; donde volendo uscire e andare al cammino dell'India, bisognerebbe volgere la prua per il vento Scilocco, donde appunto tira il vento». A Francisco Valori, 6 de Março de 1583 (e não 1582, como erradamente se imprimiu).

arribada que cumpria evitar. Para o autor das cartas não foi decepção excessiva o malôgro da jornada. Ávido sempre de novas emoções, compensavam-no do tempo perdido as cousas que tinha visto, e os factos da vida náutica observados. Já tinha olhado outros céus, e constelações diferentes das que lhe eram conhecidas; e ao seu encontro tinham vindo as aves de outros ares e os peixes de outras aguas. Embrenhando-se na meteorologia estudara as correntes atmosféricas, de que a seu modo explicava as origens e os efeitos. Nos próprios lugares verificara as variações da agulha, de que pasmara; e fôra-lhe dado contemplar um dos mais estranhos fenómenos do oceano, a tromba marítima, ou manga, como diziam os nautas portugueses, para romper a qual aconselhara a artelharia, meio de que zombou a gente de bordo. Tudo isto o concitava a alargar as suas noções da arte de navegar, e, ao preparar-se para o segundo embarque, muniu-se de cartas, esferas, astrolabios e mais instrumentos astronómicos —de maneira a fazer inveja—diz êle—ao próprio Ptolomeu. Ainda que —continua—de pouco mais possam servir êsses instrumentos que para a satisfação de os ter, porque no mar toda a observação é dificultosa, excepto a do sol ao meio dia.

Assim apetrechado partiu no ano seguinte, na mesma nau *S. Filipe*, e com o mesmo capitão-mór. Em companhia de Sasseti foram dois outros florentinos, João Buondelmonti e Grazio Neretti; êste para negócio, o outro pela curiosidade de vêr terras. Mais patrícios seus devia encontrar no Oriente o autor das cartas; o instinto de comerciantes, o apetite da riqueza sem o duro trabalho espalhava tambem pelo mundo a gente de Itália.

* * *

Esta segunda viagem foi mais ditosa, muito embora chegasse o navio a Cochim dois meses atrás dos outros da mesma frota, saídos juntamente do Tejo, e com demora em Moçambique e Goa. A armada compunha-se da mesma nau *S. Filipe*, levando a bordo o mesmo piloto e o mesmo capitão-mór, e cinco outras embarcações, uma das quais a da carreira de Malaca. Saiu a barra a 8 de Abril, e tomou pôrto em Cochim aos 8 de Novembro, demorada travessia que inspirou a Sasseti um chiste: «Sete mêses a fio no mar e não se converter a gente em peixe é caso de maravilha» (1). Tanto se meteu pelo golfo da Guiné que, sobre-

(1) A Francisco Valori.

vindo as calmas, ficaram nêles ensacados por 46 dias. Os outros navios da conserva tinham-se afastado e seguido sua derrota, fóra de vista já antes de passarem a Madeira. Ainda assim a *S. Filipe* pôde fazer a navegação costumada: cruzar em ângulo favorável o Equador e, deixando ao Poente os penedos de S. Pedro, ir dar às alturas do Cabo Frio, para de lá buscar o da Boa Esperança.

Mas sucedeu que a demora fizera perder a monção; a travessia foi longa, e, dobrando com felicidade o cabo, encontraram da outra banda calmarias. Foram quinze dias perdidos, seguidos de outros tantos de vento Nordeste e Levante, em que nada avançaram também. Depois, uma noite, quando pensavam ter vista na manhã seguinte da ponta da ilha de S. Lourenço, para se meterem entre ela e a costa, levantou-se repentinamente um vento de Oeste que os desviou do rumo, e tão rijo, fazendo o mar tão grosso, que foi necessário amainar. Nêste ponto estiveram perdidos, porque uma das vêrgas, mergulhando na agua pelo balanço, ficou presa e, com a resistência, fez adernar por bom espaço a nau. Rompendo o dia, à luz dêle julgaram, do capitão ao ínfimo passageiro, que seria o último para todos. A embarcação, mal provida de velame, corria só com uns palmos do traquete, remendado, e já roto em alguns lugares, por onde ameaçava desfazer-se. Em roda as vagas, sobranceiras aos altos castelos, ora à popa, ora à proa, pareciam querer submergir a embarcação. O arfar violento punha à vista o fundo, e a agua inundava o convés, que tanta metia por um bordo quanta pelo outro deixavam sair os embornais; e por êle e pelo costado, expellido o calafêto em muitas partes, penetrava no interior. Por cúmulo de tudo, à gente em pânico faltavam ânimo e forças para correrem às bombas. Assim passaram mais ou menos quarenta horas, durante as quais, pela estima, navegaram à razão de cincoenta leguas nas vinte e quatro.

Já então não era tempo de levarem a rota por entre Madagascar e o continente de África, o que lhes fez mais longa e trabalhosa a viagem; e sobreveio que, caíndo atrás por efeito da tempestade, os ventos contrários, de Norte e Nordeste, os detiveram quatro semanas ao Sul da ilha. Outros mais propícios, os gerais chamados, lhes consentiram por fim prosseguir no caminho. Seu cuidado era então passarem safos dos ilhéus que apelidam a Corda dos Garajaus, a Levante de S. Lourenço, que Sassetti nos diz serem uns baixos alagadiços, e consistem em duas coroas

de areia, áridas, sem palmeiras, sem agua doce, sem nada. Mas aí foram parar uma tarde, ao pôr do sol: a primeira terra em que, decorridos seis meses, seus olhos tinham dadō. Ao reconhecerem o lugar, o temor foi grande. A noite passaram-na de prumo na mão, e assim a manhã seguinte, até que pelo meio dia descobriram o canal entre os baixos e outros denominados da Nazaré, e continuaram a navegação. De aqui por diante não tiveram mais embaraços que os ventos fracos, podendo vêr a costa do Malabar aos 4 de Novembro, e dar fundo em Cochim quatro dias depois.

De quatrocentas pessoas que a nau conduzia, maruja, soldados e passageiros, faltaram no desembarque de dezasseis a vinte, gente morta em viagem, uns de enfermidades, outros caídos ao mar. Os doentes em número considerável e de cuidado; e tantos e em tal estado que, assegura o autor das cartas, se durasse a viagem mais oito dias, poucos dos que a tinham empreendido chegariam com vida. Atravessando a segunda vez a linha, na passagem para o hemisfério Norte, cêrca de duzentos tinham caído enfermos. Fazia isso o escorbuto, e outros males comuns nas longas jornadas por mar. Também não pouco o desconforto a bordo, e a falta dos provimentos indispensáveis. «Os capitães que vêm para aqui roubam tudo», Sassetti assevera. Não desdiz a informação do que mais tarde consta por Diogo do Couto e pelo malicioso autor da *Arte de furtar*. Generalizando sôbre o que nas viagens sucedia, conta o florentino:—«Todos os anos vêm de Portugal 2500 a 3000 homens e rapazes, gente perdida e da pior que pode haver; deita-se ao mar a quarta e a terça parte, às vezes a metade...» (1) A pintura não é carregada em demasia. Outros testemunhos confirmam o dêste mal tencionado observador.

A ridente vista da terra, a perspectiva do desembarque próximo, fizeram para Sassetti um deleite os quatro ultimos dias.—«Eis-nos finalmente nêstes mares da India, tão tranquilos, com ventos tão suaves e o céu tão temperado, que por bem logrados dou todos os trabalhos, e a vista basta para me pôr ledô» (2).

(1) A Pedro Vettori, 27 de Janeiro de 1585.

(2) A Frei Pedro Spina, Janeiro de 1584.

* * *

Em Cochim tinha a coroa de Portugal a fortaleza, e pegada com esta uma cêrca, onde estavam as casas dos funcionários, feitoria, armazens, e outra em que se lavrava a moeda. Dando sobre a praia um largo terreno, fechado de estacaria, e nêlo as arrecadações de artigos bélicos, fundição, e várias construções ligeiras (1).

Esta era a parte notável do povoado. A quem vinha de Florença, tendo visto Madrid e Lisboa, esta aldeola de gente semi-bárbara, miserável, não podia parecer bem. Por enquanto nada daquelas suntuosidades, com que tinha sonhado Sasseti, se lhe representava a deslumbrá-lo. De feito, as verdadeiras maravilhas da India achavam-se no sertão interior, muito longe, lá onde o domínio português nunca chegou. Estava reservado a outros, mais habéis e poderosos, agregarem-nas ao seu.

As habitações eram todas de um só piso, posto que assás altas, em geral até duas e meia braças; tecidas as paredes de bambús, que ligava uma argamassa de areia, terra e folhagem, sólida bastante todavia; o tecto colmado de folhas de palmeira. A porta uma simples abertura, vedada de uma travessa, colocada a modo que nem por cima nem por baixo franqueava passagem. Dentro frugalidade semelhante: caldeira para cozer o arroz, terrina de pau de onde o comiam; mesa nenhuma; por louça umas folhas que se deitavam fora, acabada a refeição (2). A gente achou-a o forasteiro de agradável semblante; a tez escura, mas sem aquele ar carrancudo do negro de África. O traje—«talhado pelo grande alfaiate da natureza, e muito à medida: sómente um pano a cobrir as partes vergonhosas na frente; o resto sem nada» (3).

Residiam na terra muitos forasteiros, e dêsses a metade mouros e judeus. Os naturais eram de várias sortes; a começar dos Naires, gente nobre, cujo modo de vida são as armas, até à classe ínfima dos poleás, palavra com significado de infame; entre uns e outros, de baixo para cima, os pescadores e os artifices. Na rua afasta-se o homem de officio para dar passagem ao naire; a êste o pescador, a todos o poleá: e

(1) Tombo do Estado da India, em *Coll. de Monumentos inéditos para a Hist. das Conquistas dos Portugueses*, T. 5.º

(2) A Lourenço Canigiani, 27 de Janeiro de 1585.

(3) A Frei Pedro Spina, Janeiro de 1584.

se acerta de tocar um da estirpe mais alta em qualquer da inferior, perde a casta e na dos poleás tem de entrar.

As mulheres vêem-se pouco, não por excesso de pudor porque dispõem do corpo livremente. As casadas recebem a quem lhes praz, e é costume deixar à porta o galã, sendo naire, a espada e a rodela por sinal; se vem o marido olha a insígnia e passa adiante, esperando a ocasião de entrar. Casam-se em tenra idade, e ao ficarem púberes é serviço remunerado iniciá-las no amor. Geralmente busca-se indivíduo de outra casta, mais nobre. Quem estiver no caso de gastar 700, 800, 1500 fanões, moeda equivalente a mais ou menos 22 reis, pôde levar a filha ao soberano; quem de menos cabedal ao Regedor; abaixo dêste ao brãmame; e assim descendo a escala consoante a esportula (1).

Os brãmanes são considerados a casta mais nobre e inteligente dos gentios; «e bem lhes podemos chamar teólogos» — diz o autor. Tanto assim que o nome se decompõe em duas palavras, uma das quais *Bra* significa Deus na antiga linguagem; a outra *mene* especular. A etimologia é de Sassetti. Em terra, onde predomina o vício da luxúria, são êles de algum modo continentes, e de vida porventura mais austera que a dos frades capuchos. Não bebem vinho, não comem carne, nem cousa em que se possa supôr sensibilidade; sustentam-se exclusivamente de fruta, leite, manteiga e agua. Faz admiração — diz o viajante — vê-los comprarem a cristãos e mouros os animais estropeados, para que os não matem; dispõem hospitais para passaros e outros animais enfermos; soltarem as aves que por divertimento apanham; e terem nas casas arroz em quantidade, para que os ratos o possam comer e estragar.

No tocante à ciência Sassetti nota haver entre êles a mesma enfermidade da Europa, isto é, que se exprimem e ensinam em linguagem diferente da que se fala. O nome de sânscrito não era então conhecido; mas diz-nos êle ser o idioma erudito agradável e bem soante, pelos seus muitos elementos, que chegam a 58. De todos dão explicação os brãmanes, e mostram como nascem dos movimentos diversos da bôca e da língua. Pela cópia dos vocábulos lhes é possível traduzirem todos os nossos conceitos, sem que (pretendem) outro tanto nos seja dado fazer

(1) A Lourenço Canigiani, 27 de Janeiro de 1585.

com os dêles, por serem muito menos, não passando talvez da metade os nossos meios de expressão.

Esses conceitos da ciência, e os da moral que lhe anda anexa, acham-se compendiados em versos e apotegmas. Nas matemáticas são fortes, assim como na astronomia, e se pode dizer que andam sempre com as revoluções do ano na idéa. Conhecem Aristóteles, Galeno e Avicena, mas de tradução em tradução têm-lhes chegado as doutrinas só muito confusamente.

A religião é cousa de mover ao riso; porque supôsto acreditem em um deus único, eterno, incorpóreo, que está no céu e fez tudo quanto existe, êsses mesmos que, por tocarem uns nos outros se têm por infames, diferentes de lingua e costumes, e separados na terra por distâncias enormes, concorrem todos ao mesmo templo a adorarem um mesmo ídolo; e dêstes ha centenas de milhares e milhões. Dois de tais ídolos pôde ver Sasseti uma vez que logrou entrar em certo pagode, indo para Goa: um com sete braços, quatro à direita e tres à esquerda, que se lhe dividiam do cotovelo; outro com tres de cada lado, e um que partia do peito. Mais uma vaca em postura de ruminar, com seu bezerro ao lado (1).

Nem escapou ao viajante a notícia dos jogues, de quem diz o nosso Barros serem—«uma seita de homens ao modo de filósofos, que deixam o mundo, e em hábito vil andam por toda a terra em romarias, e às vezes se apartam em lugares solitários a fazer penitência» (2). Dêles refere Sasseti que vivem nus pelos matos, alimentando-se de ervas; vagueiam em peregrinações longuíssimas, visitando os pagodes; alguns soterram o corpo em cinzas, debaixo do sol ardente; outros fazem voto de estuprar a duas e tres mil donzelas, e percorrem léguas sem conta nesta meritória tarefa. O preceito impõe que as pacientes venham a certos templos, onde por meios mecânicos se executa o sacrificio: o da romagem, com seus perigos e fadigas, lhes poupa a abnegação dos jogues (3).

(1) A Pedro Vettori, 27 de Janeiro de 1585.

(2) Dec. 2.^a, Liv. 2.^o, cap. 9.^o

(3) A Pedro Vettori, 27 de Janeiro de 1585.

* * *

De tudo se vê quanto era o florentino desejoso de instruir-se e sagaz observador. Periodicamente fazia a jornada a Goa, afim de tratar dos negócios a seu cargo. A cidade seria na grandeza como Pisa:— «Linda como sítio, grande em circuito, cheia de cousas belas, e rica pelo comércio»—tal a descreve a um amigo (1). Os habitantes eram, como nas outras povoações sujeitas a Portugal, parte gentios, parte portugueses, e dispersos entre êles alguns mouros e judeus. Dos naturais faltava a parte maior e melhor, os homens doutos—certamente os brâmanes—de que antes havia grande numero, por ser Goa terra de estudos. A êsses a perseguição religiosa compelira a ausentarem-se.

De portugueses havia os vindos da Europa, e os nascidos na Índia de mãe nativa, designados por *mestiços*, e conhecidos pelos sinais da ascendência no parecer. Como qualificar a uns e outros ao modo latino não acerta o viajante. Caber-lhes-ia a denominação de colonos, mas tais não são realmente; porque a êsses se distribuia casa, terra, prado, mata, ou qualquer outro donativo de que pudessem por sua indústria angariar subsistência. A êstes não se dá cousa alguma. «Fazem-me lembrar—diz êle—as migalhas que ficam na mesa depois de jantar, e, sacudida a toalha, caiem para o chão; vem a criada, varre, e tudo é lixo». No lixo do abandono e da miséria viviam de feito, na maior parte, os portugueses. Dos que, escapando às provações da viagem, desembarcavam, já em outra ocasião tinha notado: «Vem a morte ou a miséria e a tôdos colhe; o maior número acabam mal, a não ser algum de família de fidalgos, que pela recomendação de parentes ou por virtudes próprias sobressai» (2) Não faltam depoimentos em abôno dêste, do florentino; o de Francisco Rodrigues Silveira, quâsi contemporâneo, é cabal (3).

Triste era a condição dos mofinos, que com praça de soldados passavam à Índia. Mas na terra, para todos, salvo os que exerciam rendosos postos ou os chatins vorazes, havia dificuldade em viver remediadamente. Nos consumos indispensáveis carregavam os tributos, que eram

(1) A Bernardo Davaganti, 22 de Janeiro de 1586.

(2) A Pedro Vettori, 27 de Janeiro de 1585,

(3) *Memorias de um soldado da Índia*, Ms. do Museu Britânico, publicado por Costa Lobo.

os do tempo dos déspotas indíanos e mais alguns. A cobrança, arrendada a contratadores, conferia a êstes o monopólio da indústria ou produto sobre que o impôsto assentava. No *Tombo do Estado da Índia*, documento autêntico do meado do século XVI, vemos sucedia isso com as frutas e ortaligas, que entravam no contrato do betel; com a especeria, em cujo âmbito se incluíam artigos de principal necessidade, como o sal e o fio de coser; o sabão, com a indústria das lavadeiras agregada —ninguém exercia o ofício sem comprar a licença ao arrendatário—; as lojas de fazendas de luxo e comuns, as de louças e as de comestíveis, todas exclusivo do contratador, que as sublocava. Das últimas, de que a receita era segura, ia subindo o valor de tal modo, encarecendo na proporção os víveres, que em 1554, a requerimento da Câmara, determinou o Governador se não admitisse nas licitações anuais acréscimo à renda então vigente. Imagine-se o que semelhante sistema tributário pesaria nas condições de existência da gente menos remediada, reinóis e nativos.

O florentino sabia variar o estilo das cartas, conforme o correspondente: a um, provávelmente mercador, descreve o comércio da Índia; a outro, cavaleiro de Malta e capitão nas galês, fala de cousas marítimas; ao Grão-Duque, seu soberano, narra o que viu nos paços do Çamorim.

Porque a Calecut foi tambem o viajante. A residência do régulo, cujo título correspondia ao de Imperador do Malabar, que considerava ser, ficava fóra e longe da cidade, à distância que vai da marinha à raiz dos Gates. «Para lá chegar na força do verão, e à hora do meio dia, um homem gordo passa trabalhos». Assim contava êle, o que leva a crer não fosse de carnes minguadas. O caminho rompia pela areia, em terras baixas e alagadas no inverno, e acinte excavado nelas, ficando-lhe sobranceiros os campos adjacentes. A um lado e outro, por divisoria, sebes de uma planta espinhosa, em muro espesso, de onde saíam as pontas rijas, agudas como lanças, e ao que diziam venenosas. Por detrás delas tornava-se fácil a poucos homens determinados defenderem a passagem. Esses eram os valos a que alude Barros, referindo a infeliz retirada, de onde Afonso de Albuquerque saiu ferido. Achavam-se os paços em meio de uma cêrca, ou páteo grandíssimo, com casas à roda, como armazens, e no terreiro, todo de areia, algumas palmeiras. O edificio baixo; no interior outro páteo, e em torno uma galeria com seu balcão, tão alto que

para penetrar nela era forçoso pôr-lhe a mão e saltar, pois não havia outro ádito. Aí uma escada, quasi a prumo, no alto abertura em alçapão, que dava a uma casa vazia. Na seguinte, estendido em uma camilha, nu, tirante a meio corpo onde um pano de algodão se enrolava, mais amarelo que mulato, cabelos compridos, orelhas a caírem-lhe nos ombros ao peso das arrecadas, o Çamorim só.

Com respeito ao comércio, fica sabendo o amigo de Sassetti que o nervo dêle era o dinheiro trazido de Portugal. Cada ano as naus transportavam de 800 mil libras a um conto de ouro (1) para empregar na pimenta, género principal, e em cravo, anil, pedrarias e artigos vários; com a limitação, todavia, que as somas destinadas à pimenta se não podiam desviar para outro fim. Os reais da metrópole tinham legalmente o ágio de 25 por cento sôbre os cunhados na terra, mas variando a necessidade, segundo as naus conduziam mais ou menos, ou chegavam atrasadas, ou se perdiam, passavam a ser considerados mercadoria, sujeitos como esta à oscilação dos preços, isto é, do maior ou menor ágio, acima da taxa, conforme a conjuntura. Miudamente toca a informação em tudo o que pode importar a um homem de negócio, já no que visa ao interesse, já no que unicamente lisonjeia a curiosidade. A êste ultimo capitulo pertence o relativo às pedrarias. Vem um negro—é o modo de designar os naturais—quasi nu, só com um pano à cintura, em jornada de dois e tres meses, portador de rubis e diamantes, que valem às vezes oito, dez e doze mil Ducados. Como escapar ao perigo de que o roubem no trânsito? Guarda as pedras em um tubozinho de cobre, que introduz na cavidade rectal, e assim viaja, defendendo o seu tesouro.

Ao cavaleiro de Malta, habituado ao mar, Sassetti refere o que observou das variações da agulha, dos rumos dos ventos, do movimento das marés; particularmente daquela—«chamam-lhe aqui macareu», explica,—que presenciou em Diu e outras partes, e justamente compara a certo fenómeno que ouviu dizer se verificava em Ruão. Discute opiniões de Ptolomeu, Ortelio e Mercator sôbre pontos geográficos, e declara a sua, formada de observação própria e de conhecimentos adquiridos dos portugueses.

Esta e todas as cartas de Filipe Sassetti no-lo revelam por sujeito de cultura vasta, e capaz de versar com proficiência assuntos variados.

(1) Libra: moeda de conta, que no tempo valia 10 reais.

Vimos atrás quanto as leituras sôbre viagens o interessavam. João de Barros era nesta classe o seu autor preferido, que considera o Tito Lívio portugûes, e para os portuguezes mais que Lívio para os latinos. No investigar de factos e colher particularidades acha não tem par. Exce-lente geógrafo, historiador verídico. — «Oh! como fôra bela a sua obra em outra língua que não a portuguesa!» — exclama com aquela hostilidade, misto de inveja e desdem, que é o seu sentimento para com as nossas cousas. Sem embargo disso, estranha ter o Rei confiado ao jesuita João Pedro Maffei o encargo de escrever a Historia da Índia, para que fôra chamado de Itália, estando a obra já nêsse tempo em execução (1).

Em 1587 Sassetti manifestava o propósito de deixar a Índia em Abril do ano seguinte. Ia terminar o contrato da pimenta de João Baptista Rovellasco, seu compatriota, residente em Lisboa, a cujo serviço tinha vindo. Em seguida nada obstava a que se ausentasse. Todavia seu desejo era não regressar à Eurôpa sem ir primeiro a Malaca, e demorar-se um ano lá, outro ano em Maluco, ainda outro na China; passar de aí a Manilha e depois à Nova Espanha, de onde todos os anos vinha uma nau ao ultimo lugar. Viagem de sete para oito anos, escrevia ao Cardeal de Medicis (2).

Refere um viajante, seu patricio de Florença, te-lo encontrado em 1598 em Macau, ido de Goa em uma nau portuguesa, na qual era interessado (3). Não devemos prestar fé à informação. A ultima carta sua, das publicadas, é de Janeiro de 1588, escrita de Cochim; e o editor noticia ter êle falecido em Goa no mês de Setembro seguinte.

Na edição de 1855 encontramos o testamento e a noticia de factos em relação com êle e de data correspondente, com que se confirma o óbito em 1588.

J. LUCIO D'AZEVEDO.

(1) O P.^e Maffei veio em 1579 a Portugal, não por convite, mas a mandado dos Superiores, para escrever a historia da propagação da fé no Oriente pelos jesuitas.

(2) Ao Cardeal Fernando de Medicis, 10 de Fevereiro de 1586.

(3) Peragallo, *Cenni*.